

# **Autoria à venda:** *ghost writers no Brasil*

A ocupação é quase desconhecida e o pouco que se sabe sobre seu mercado é especulação. No entanto, o ofício de escritor-fantasma tem se tornado cada vez mais comum e pode ser uma opção de trabalho para jornalistas.

**Jéssica Trombini**

**Autoria à venda: *ghost writers* no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
disciplina de Projetos Experimentais

**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Centro de Comunicação e expressão**  
**Curso de Jornalismo**

**Reportagem, Redação e Edição:**

Jéssica Helena Trombini

**Diagramação:** Merlim Malacoski

**Orientação:** Rogério Christofolletti

Florianópolis  
Julho de 2014

# Ele escreve, o cliente leva a fama

Um escritor é contratado para escrever um livro que ele não vai assinar, do qual não será sequer considerado autor ou coautor da obra, nem seu nome aparecerá na capa. Ele vai desaparecer e ninguém saberá quem, na realidade, fez a obra. A tarefa exige sigilo e discrição, tanto do próprio escritor quanto do cliente. A atividade descrita pode lembrar a sinopse de um filme hollywoodiano de suspense, mas é bastante comum fora da ficção. Quem a realiza é conhecido como *ghost writer*, em tradução literal, escritor-fantasma.

“Um *ghost writer* é aquele que escreve o livro que você quer escrever e desaparece”. A jornalista e escritora carioca Tania Carvalho resume em poucas palavras a ocupação de um escritor-fantasma. O *ghost* incorpora as ideias de quem o contrata, colhendo-as por meio de entrevistas e documentos, e as coloca no papel. Oficialmente, o autor é a pessoa que o contratou, e, por ser uma atividade sigilosa, os *ghosts* nunca revelam os nomes de seus clientes nem quais foram os livros escritos. A jornalista Lilian Cardoso, diretora da empresa Lilian Comunica, de São Paulo, diz que em alguns livros seu nome, ou o da agência, está registrado na ficha técnica, em edição, transcrição ou revisão, “mas o *ghost* não aparece, eu sou proibida eticamente de falar quais livros eu já fiz”.

A única pista fornecida por todos, em unanimidade, é que grande parte do que está na seção de autobiografias nas livrarias não deve ter sido feito pelos ditos autores, mas não há como saber quem está por trás da produção daqueles livros. Os escritores assinam um acordo de confidencialidade com as editoras ou com os clientes, seja para impedir que o *ghost* torne conhecida sua identidade como autor da obra ou para que ele não divulgue informações do contratante consideradas confidenciais. Caso a

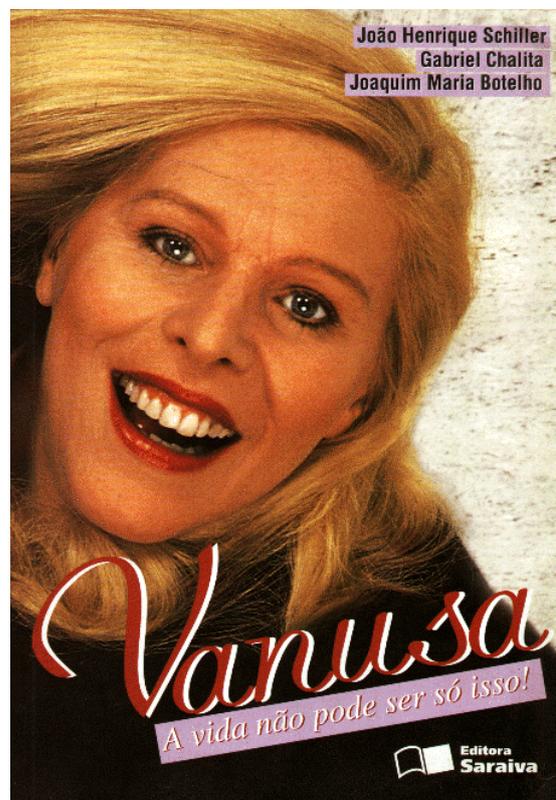
pessoa que assina a publicação decida tornar público o fato de que outra pessoa escreveu seu livro ou ajudou-a nisso, a polêmica fica por sua conta e risco, pois os leitores ainda ficam espantados diante dessa descoberta. O jornalista Mylton Severiano, falecido em maio deste ano e que fez vários livros encomendados ao longo de sua carreira, disse acreditar que os clientes não contam que outros escreveram suas autobiografias por vaidade. A *ghost writer* paulista Nanete Neves, que trabalha nessa área há mais de dez anos, afirma que a maioria deles tem vergonha de contar, porque acha que ser autor significa saber escrever e editar bem, o que ela julgava ser uma bobagem. “O livro dele vai ser interessante do mesmo jeito, tendo sido ele que escreveu a história ou tendo contado para alguém”. Ela garante que essa mentalidade vem mudando com o crescimento do mercado, principalmente na área de negócios: empresários que contrataram alguém para escrever suas memórias e experiências, muitas vezes, indicam seus *ghosts* para outros ou os apresentam no lançamento das obras. “Se o cliente se sente confortável e me convida para o lançamento do livro dele e insiste no convite, eu vou. Mesmo assim eu estarei muito discreta. Se ele resolver me apresentar como *ghost* para alguém, tudo bem”.

## Prática comum

Renomados escritores brasileiros trabalharam como *ghost writers*. Contratada por Alberto Dines, Clarice Lispector escreveu para a atriz Ilka Soares a coluna “Só para mulheres” no jornal Diário da Noite, do Rio de Janeiro, entre abril de 1960 e março de 1961. Ignácio de Loyola Brandão admite ter produzido 49 livros encomendados sobre diversos temas, desde times de futebol e exposições de arte até universidades e embaixadas. O escritor mineiro

Autran Dourado foi assessor, por nove anos, do ex-governador de Minas Gerais e ex-presidente da República Juscelino Kubitschek e escrevia seus discursos. A denominação de quem executa essa tarefa é *speech writer*, mas Dourado é sempre citado como exemplo pelos escritores-fantasma. O presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), Joaquim Maria Botelho, garante que, dos cerca de 1600 escritores associados à entidade, 20% fazem trabalhos como *ghost writer* regularmente. Ainda assim, ele estima que a grande maioria, em torno de 90%, já tenha feito algum trabalho desse tipo na vida, seja como preparador de originais em editoras, editor ou escrevendo livros por encomenda.

“Você acha que as celebridades, músicos, atletas ou políticos têm tempo para escrever um livro? Eles podem ter a habilidade de escrever, mas não têm horas livres para gastar nisso nem paciência para revisar o texto”, diz Tania Carvalho, que faz obras sob encomenda há 12 anos. Produzir um livro é uma tarefa demorada, que pode levar mais de um ano. Nanete Neves, que



já tem prática, leva em média seis meses para concluir uma obra, mas uma pessoa que não seja escritora profissional pode levar anos. Ela diz que contratar alguém não significa que os clientes sejam incapazes, pois muitos deles possuem outros livros lançados, “talvez estivessem com dificuldade de adequar sua linguagem ou seu conhecimento para a coleção de alguma editora. De Bruna Surfistinha a grandes executivos, todo mundo precisou de um *ghost*, é um profissional para ajudar nisso.” A ex-garota de programa Raquel Pacheco, conhecida como Bruna Surfistinha, contratou o jornalista Jorge Tarquini para escrever *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa* (Panda Books: 2005). Ela revelou publicamente que havia contratado um *ghost writer* para colher seu depoimento e ajudá-la a escrever o livro. O nome de Tarquini aparece na ficha técnica precedido das palavras “em depoimento a”.

Para Joaquim Maria Botelho, presidente da UBE, os biografados contratam *ghost writers* por não possuírem habilidade linguística para escrever, mesmo que tenham vidas interessantes, recados a transmitir para os leitores e informações úteis para a sociedade. “O escritor-fantasma produz o texto no seu aspecto formal, obedecendo à intenção, ao desejo e à maneira de pensar de quem pediu para escrever a mensagem”, diz. Botelho associou o *ghost writing* à sua carreira de jornalista quando foi chamado para escrever editoriais em jornais do interior de São Paulo por considerarem que tinha bom texto. Trabalhou como tradutor e publicou livros sobre jornalismo literário, até que foi contratado para escrever a biografia da cantora Vanusa, *A vida não pode ser só isso* (Saraiva: 1997). No início, era um trabalho como *ghost writer*, porém foi publicado como sua autoria em conjunto com João Henrique Schiller e Gabriel Chalita. Botelho acha que este primeiro trabalho como escritor-fantasma lhe deu visibilidade para ser chamado para escrever outras biografias posteriores e livros técnicos.

# Mercado quase desconhecido

Não existem estatísticas sobre o mercado de *ghost writing* no Brasil, segundo a assessoria de comunicação da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sônia Machado Jardim, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Mesmo no Canadá, onde esse tipo de serviço é mais conhecido e mais divulgado, não há dados. O diretor executivo da *Writers' Union of Canada* (União de Escritores do Canadá), John Degen, acredita que números sobre esse mercado são muito difíceis de encontrar devido à natureza desses trabalhos, principalmente pela questão da confidencialidade.

É possível que todas as editoras do Brasil utilizem mão-de-obra de *ghost writers*. Nanete Neves diz já ter trabalhado para Planeta, Campus, Elsevier, Larousse e Saraiva. A escritora-fantasma Valentina Nunes fez livros nas editoras Globo, Alaúde, Larousse e Contexto. O jornalista Mylton Severiano já foi contratado pela Globo e pela Ática.

O editor da Record, Sérgio França – nessa área há 15 anos –, diz que a contratação dos *ghost writers* pelas editoras é de acordo com a demanda, e que esta é inconstante. O escritor-fantasma recebe uma quantia fixa pela realização de seus trabalhos, mas quando existe uma expectativa de que a venda do livro seja grande, é previsto

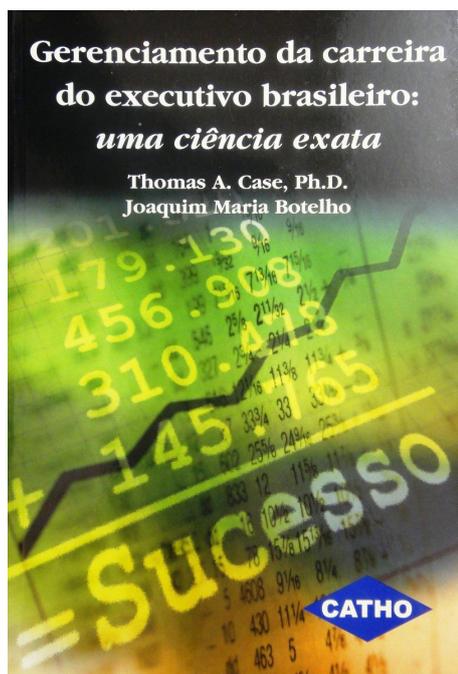
Números desse mercado são muito difíceis de encontrar devido ao sigilo dos trabalhos produzidos

em contrato o pagamento de uma porcentagem dos direitos autorais. Alguns escritores-fantasma oferecem seus serviços em *sites* pessoais, como o jornalista Marinaldo Gomes no *blog* Jornalismo Freelance, ou de suas empresas de editoração, como nos casos de Lilian

Cardoso, da Lilian Comunica, e Tania Carvalho, da TC Produções. O pouco que se pode afirmar a respeito desse mercado é que a grande maioria das obras publicadas nesse regime de autoria é autobiografia. Nanete Neves afirma que *ghost writing* só é possível com não ficção: “a pessoa não vende sua imaginação, vende sua técnica. Não vou criar um livro de ficção para ninguém. Quando quero fazer isso, eu mesma assino, pois também sou autora”. Tania Carvalho também segue este princípio, porque acha que um livro de ficção envolve outros aspectos, que não apenas o texto e a história contada, mas também a ideia e a imaginação: “não é o caso de uma pessoa que conta sua vida, você vai elaborar somente o texto, organizando as ideias para não ficar chato ou repetitivo. Mas é a vida de uma pessoa, você não inventa nada, diferente de ficção”.

## Segmentos mais comuns

No mercado de *ghost writing* há três ramos: os livros técnicos, as autobiografias de celebridades e as biografias encomendadas



pelas famílias dos biografados. Na primeira categoria, estão os livros empresariais e de negócios, ligados a conhecimentos de produção e inovação, e experiências de *Chiefs Executive Officers* (CEOs – diretores executivos de empresas) na área de negócios, que Nanete Neves chama de “autoajuda empresarial”. Nesse leque estão inclusos pequenos trabalhos de copidesque ou *coaching* literário, que tratam principalmente de ajustes e adequação de projetos semiprontos, como os que chegam à empresa de Eduardo Jovanucci, a Vila Romana – Bureau de Letras, com sede em Santos (SP). Também entram os livros pedagógicos, com métodos desenvolvidos por acadêmicos que quiseram transformá-los em livros. “Nesses livros é tudo muito focado, o autor sabe o que ele quer falar”, afirma Tania Carvalho.

Esse tipo de obra é mais fácil e rápido de construir (ocupando em média três meses de trabalho), pois as informações são mais objetivas, além de o autor muitas vezes já possuir textos prontos sobre o assunto. Um exemplo é o livro *Gerenciamento da Carreira do Executivo Brasileiro – uma ciência exata* (Catho: 2001), do empresário Thomas Case, fundador da Catho, uma empresa de recolocação profissional. Sendo estadunidense,

mas morando no Brasil desde 1975, ele julgou que não possuía domínio da língua portuguesa para escrever sua obra sozinho, e por isso contratou Joaquim Botelho. Case gostou tanto do resultado do trabalho que preferiu que a publicação fosse assinada por ambos. Entre os livros didáticos e acadêmicos está a obra *Toda a História* (Ática: 1995), assinado por José Jobson de A. Andrade e Nelson Piletti, e escrito pelo jornalista Mylton Severiano.

O segundo segmento, das intituladas autobiografias de celebridades, pode ser mediado pelas editoras, que contratam os *ghost writers*, geralmente como *freelancers*, para colher os depoimentos dos clientes e elaborar o livro. De acordo com o editor Sérgio França, da Editora Record, muitas vezes, a própria empresa indica o *ghost* para o contratante, porém há casos em que o próprio cliente escolhe um escritor de sua confiança para realizar o serviço ou outro *ghost writer* que já trabalhou na empresa indica alguém. Foi o que aconteceu com Nanete

### A maior parte da produção literária dos *ghost writers* é na área de não ficção, como autobiografias

Neves, cujo primeiro trabalho como escritora-fantasma, em 2004, surgiu quando uma amiga a indicou a uma editora para fazer um trabalho para o ator Paulo Autran, já que Nanete Neves trabalhava com jornalismo cultural. “O livro acabou não saindo por problemas da editora, mas ficou pronto e eu recebi pelo trabalho. Com isso, eu acabei ganhando experiência, a editora gostou do meu trabalho e depois me chamou para outros”, conta a escritora.

No terceiro nicho do mercado de *ghost writing*, as famílias procuram o escritor para elaborar uma biografia

de alguém muito estimado, a quem querem apresentar com um livro que conte sua vida, ou mesmo de uma pessoa que já faleceu, para distribuir entre os parentes e amigos. Um exemplo é o trabalho mais recente da jornalista e *ghost writer* Valentina Nunes, que mora em Florianópolis (SC). Ela foi procurada por uma senhora de 80 anos de São Paulo, através de alguém que já conhecia seu trabalho, para escrever a história de sua mãe, falecida há 30 anos. Ela saiu, ainda criança, com sua família de uma região da Letônia que foi dominada pela União Soviética, e fugiram para o Brasil logo após a I Guerra Mundial. Como as relações diplomáticas entre o Brasil e a Rússia foram rompidas de 1917 a 1961 (sendo restauradas por um curto período entre 1945 e 1947), eles não puderam retornar a seu país de origem, tendo de se adaptar aos costumes brasileiros e lutar por sobrevivência. “A mãe da minha cliente morre falando que o Brasil a acolheu, mas que ficava triste por não ter voltado para sua terra, porque esta não existia mais, ela era uma expatriada”, relata Valentina. O livro, cuja fase de entrevistas demorou mais de um ano para ser concluída devido à distância, ainda está sendo finalizado. Embora a não ficção domine o mercado de *ghost writing*, a ficção também tem seu espaço. Desde 2010, quando começou a oferecer o serviço em sua empresa, Lilian Cardoso já ajudou clientes a elaborar duas obras ficcionais. Atualmente está escrevendo um romance histórico, ambientado na Europa medieval, que exige pesquisa sobre os costumes da época e sobre personalidades reais que serão inseridas como personagens. “Esse livro está dando bastante trabalho para a gente [ela e sua sócia, Barbara Ataíde], mas estamos felizes porque sabemos que quando dá trabalho vai sair um livro bem feito”, diz orgulhosa. Quando se trata de ficção, a escritora também considera importante investigar o que está sendo lançado e analisar se as ideias do autor são originais ou repetitivas, já com o pensamento nas vendas e na receptividade do público.

# Contato íntimo nas autobiografias

A jornalista e escritora-fantasma Lilian Cardoso prefere escrever para pessoas que já conhece e com quem tem afinidade. Ela acredita que o serviço exija uma proximidade entre o que o cliente quer transmitir para o leitor e os pensamentos dela própria para contribuir com o desenvolvimento da obra. Foi por causa alinhamento de ideias que o delegado e ex-deputado federal Romeu Tuma Jr. contratou o jornalista Claudio Tognolli para colher seu depoimento e ajudá-lo a escrever *Assassinato de reputações – um crime*

e o levaram adiante.

Recentemente, alguns autores decidiram declarar nas capas de suas autobiografias que os livros foram elaborados em conjunto com outra pessoa: além de Tuma Jr. em depoimento a Tognolli, o cantor e compositor Lobão também declara que seu livro foi feito em depoimento a ele em *50 anos a mil* (Nova Fronteira: 2010) e o ex-jogador Casagrande com Gilvan Ribeiro em *Casagrande e seus demônios* (Globo Livros: 2013). Esses *best sellers* podem ser considerados

## Alguns autores declaram nas capas de seus livros que os escreveram em conjunto com outra pessoa

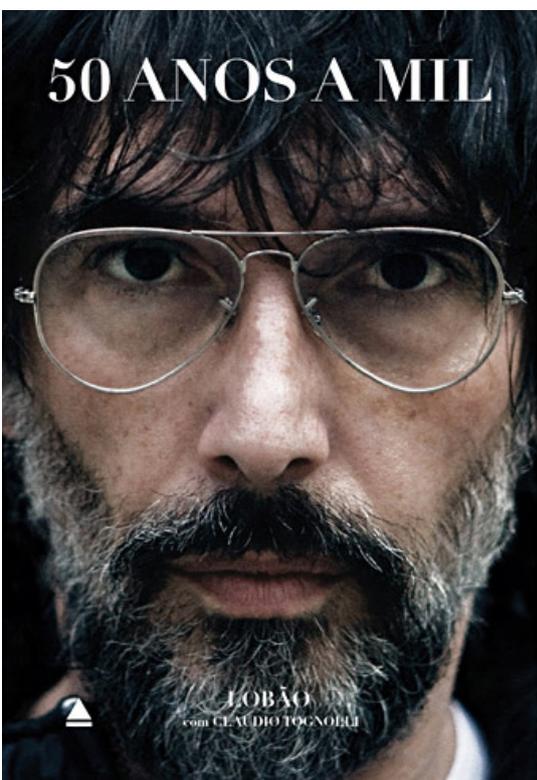
*de Estado* (Topbooks: 2013). “Eu estava fazendo o livro com o Mino Carta e o Paulo Henrique Amorim, e no meio do caminho eu parei porque o livro tinha um viés que eles não iriam aceitar por causa de suas ligações com o presidente Lula”, garante Tuma Jr. Ele relata que os dois jornalistas queriam levar o livro para um lado “chapa-branca”, e, por já conhecer Tognolli, conversou com ele sobre seu projeto

exemplos de coautoria, apesar de o limite entre coautoria e *ghost writing* ser incerto. Para a escritora-fantasma Tania Carvalho, o coautor é apenas um *ghost writer* que não precisa desaparecer depois de pronta a obra. Mylton Severiano e o jornalista Palmério Dória escreveram juntos diversos livros, tais como *Honoráveis Bandidos* (Geração: 2009), *O príncipe da privatária* (Geração: 2013) e *1964: estamos pagando até hoje*, ainda no prelo. Nos dois livros já lançados, o próprio Severiano declara – no prefácio de um e na orelha do outro – que foi uma honra ser convidado por Palmério para elaborar o texto final. Dória, porém, não considerava esses trabalhos como coautoria ou *ghost writing* clássicos. Como não houve contratação formal, ele afirmava que esses livros haviam sido feitos em parceria. “Somos uma dupla de criação, porque 100 bilhões de neurônios se juntam com mais 100 bilhões de neurônios para fazer um trabalho melhor. Temos características de texto semelhantes e já conhecemos o jeito um do outro, não é um trabalho para cada um, é uma diversão”, diz Dória. Já Severiano dizia ter atuado como um “*ghost revelado*”.



## Diálogo revelador

É necessário haver uma relação de confiança entre o cliente e o *ghost writer*, principalmente quando se trata de uma autobiografia. O entrevistador precisa extrair do biografado informações e fatos que ele nunca tenha revelado a ninguém, além de ter acesso a documentos. Tania Carvalho acredita que mexer com questões pessoais seja difícil e sempre reforça que não escreve biografias, mas sim autobiografias, pois se coloca no lugar do entrevistado para contar a vida do ponto de vista dele. “Não é o que eu penso a respeito daquela pessoa, esse é outro livro”. Por envolver contratação direta pelo biografado, essas obras são autorizadas, mas precisam trazer acontecimentos inusitados para chamar atenção dos leitores. Os fatos têm de ser revelados pelo cliente por vontade própria, ao invés de descobertos por apuração jornalística, como ocorre com muitas biografias não autorizadas. “Você está contando sua história, abrindo sua alma, então precisa de uma pessoa para quem você tenha liberdade de contar tudo”, declara Tuma Jr., que fez questão de que o nome de Tognolli



estivesse na capa de seu livro como uma homenagem por colher seu depoimento.

Quando Mylton Severiano ouviu Yara M. Fontana (Yara Fontana D'Ávila, como é conhecida hoje), precisava compreender sua personalidade e a situação que ela lhe contava. Neta e herdeira do empresário Attilio Fontana, fundador da Sadia, ela decidiu tornar público o tratamento desigual entre gêneros dentro da empresa, desde os funcionários mais simples até o alto escalão, com ênfase nas diferenças de salários e nas posições ocupadas. O livro *Como fritar as Josefinas: a mulher nos bastidores da empresa familiar* (Cultura: 1996) é um desabafo: Yara Fontana trabalhava na empresa havia dez anos e estava preparada para assumir um cargo de chefia, porém, sempre viu suas tentativas de ascensão na Sadia minguarem, enquanto a carreira de outros parentes homens, como seus primos Walter Fontana Filho e Luiz Fernando Furlan, decolavam - eles assumiram a presidência executiva e a presidência do conselho de administração, respectivamente.

"Eu acho que esse foi o meu trabalho mais *ghost*, porque eu tive de me embeber da personalidade de uma mulher que enfrentou o machismo no ambiente de trabalho", analisa Severiano. Apesar dessa dificuldade, ele trabalhou como *ghost-writer* para mais uma mulher, a *socialite* Carmen Mayrink Veiga, que publicou *ABC de Carmen: estilo, culinária, receitas pessoais e a arte de receber* (Globo: 1997). Apenas a escritora-fantasma e jornalista Valentina Nunes conta que não tinha qualquer ligação com a maior parte de seus clientes. Quando foi contratada pela Editora Larousse ou pela Globo, ela prestava contas diretamente à empresa e aos editores, que se encarregavam de enviar o texto para o contratante aprovar. Isso se deve ao fato de que a maior parte de seus livros eram técnicos, relacionados a temas de saúde, como menopausa, emagrecimento e sono, e exigiam mais pesquisa sobre o tema e leitura de artigos dos próprios clientes do que contato com eles.

## Estilo é o do cliente

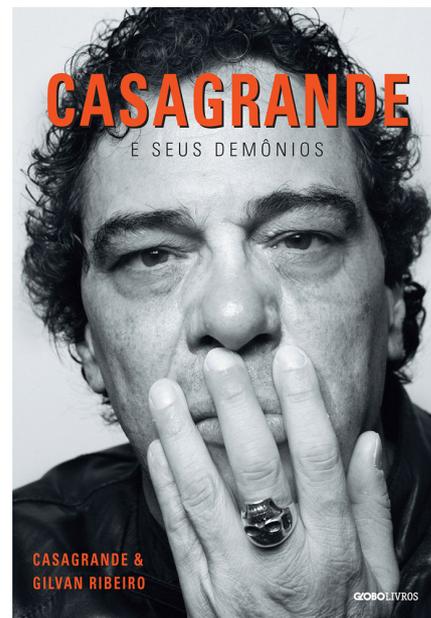
Quem assina um livro precisa se identificar com o que está escrito nas páginas, caso contrário, quando for lançado, uma pessoa que conheça seu suposto autor pode desconfiar que não foi ele quem fez a obra. "Ser *ghost* exige que você conheça seu contratante e o entreviste muito, para pegar o jeito que ele fala e colocar no papel. O livro precisa ter a cara dele", diz Lilian Cardoso. Na ocupação de *ghost writer* não existe estilo de texto, o escritor precisa se transformar na pessoa para quem está escrevendo e tomar o estilo do biografado. "O *ghost writer* que tem dois livros parecidos não é bom no que faz, pois não existem duas pessoas semelhantes",

**"O *ghost writer*  
que tem dois livros  
parecidos não é bom  
no que faz, pois não  
existem duas pessoas  
semelhantes"**

crítica Tania Carvalho.

Tania Carvalho começou a ministrar cursos de *ghost writing* em 2011, no Rio de Janeiro (RJ), onde já ofereceu dois, além de outros dois em São Paulo (SP). Não existe uma didática específica, e o método das aulas se aproxima de um *workshop*, em que tenta transmitir sua experiência no ofício de escritora-fantasma e incentivar os exercícios de entrevistar e de escrever perfis. "Eu não ensino uma prática para o *ghost writing*, e sim a técnica de entrevista do jornalismo, que serve para tudo", conta. Ao final, ela indica seus alunos a editoras que estejam à procura de *ghosts* e não crê que esteja criando concorrência para si mesma, pois o mercado está em crescimento e precisa de mão-de-obra.

Nanete Neves também começou a realizar cursos em 2011, em São Paulo, após fazer pós-graduação



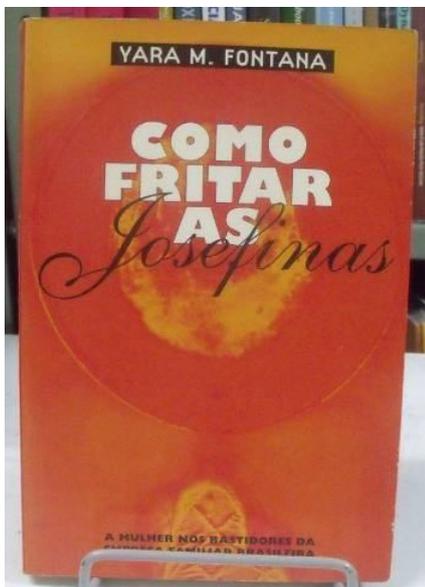
em Literatura e ter participado de oficinas de escrita criativa. As aulas, de duração semestral, têm parte teórica, com indicação de biografias e perfis para leitura e discussão entre o grupo, e exercícios práticos para "soltar a escrita". A *ghost writer* acredita que escrever no timbre do autor e não deixar essa identidade sumir sejam os maiores desafios da atividade, além de abandonar a própria individualidade. "O bom *ghost* tem o ego bem trabalhado e não aparece no que escreve. Eu me sinto orgulhosa quando o cliente diz que está se vendo no texto", comenta. Eduardo Jovanucci, que trabalha com *ghost writing* desde 2011, diz que "essa é a parte mais interessante do trabalho - o reconhecimento, o prazer que a pessoa sente com a realização da obra".

De modo geral, os *ghost writers* não têm apego pelo trabalho que fizeram. Nanete Neves afirma que não se sente autora dos livros que ajudou a fazer, pois não detém o conhecimento que a pessoa estava tentando transmitir, ela apenas o auxilia a passá-lo. Na opinião de Severiano, o escritor precisa ter desprendimento para escrever livros para outros, "há pessoas que jamais fariam isso, por serem muito vaidosas", diz. "Não é nada seu no livro é tudo do outro: as ideias, as palavras, o jeito", repete Tania a seus alunos, que muitas vezes demoram a entender a essência

do ofício.

De turmas com dez pessoas nos cursos de Nanete Neves, apenas uma pessoa era jornalista na primeira edição, enquanto na última somente uma não era e exercia a profissão de advogada. A escritora-fantasma acredita que o perfil dos alunos vem mudando porque é uma forma de o jornalista se preparar para o mercado, que tem poucos veículos surgindo e não consegue absorver a mão-de-obra. “Com essa capacitação a mais ele pode também trabalhar no mercado de livros”, observa.

Tania Carvalho fala que a atitude básica é ouvir o entrevistado e compara a produção de um livro autobiográfico à de um perfil: “eu não mudei muito do que eu fazia na época que eu escrevia perfis para revistas femininas, como *Claudia* e *Criativa*, eu só mudei de patamar, antes escrevia 20 laudas e passei a escrever 200”, brinca. Joaquim Botelho também acredita que o jornalista seja o profissional mais preparado para trabalhar com *ghost writing*, “ele se especializa em trabalhar com textos de outras pessoas, pega vários depoimentos e compõe uma matéria. Se alguém te dá um depoimento desconexo, você altera não o conteúdo, apenas a frase de maneira que seja inteligível para o leitor.” O trabalho é o mesmo de alguém que produz um livro encomendado.



## Um impasse: o preço das obras

Um livro encomendado com um *ghost writer* pode custar em média R\$ 20 mil. Para Tania Carvalho, escritora-fantasma há mais de dez anos, esse preço pode chegar a R\$ 40 mil dependendo do contratante. Se forem necessários muitos encontros pelo fato de o entrevistado ser repetitivo ou lacônico, ou caso ele demore para se sentir confortável com o escritor, o tempo de trabalho será maior e o valor da obra aumenta. Tania Carvalho é consultada diariamente para produzir autobiografias, e acredita que as pessoas não entendam que ela leva quatro a cinco meses escrevendo apenas um livro. O valor pode ser flexibilizado: se ela pedir 18 mil reais por uma obra e o cliente estiver disposto a pagar 15 mil reais, ela cogita levar o trabalho adiante, “mas se eu peço 18 mil e a pessoa quer pagar 1200, não tem conversa. Qualquer obra é negociável, mas dentro de uma faixa que respeite o seu trabalho.”

Na empresa de editoração Lilian Comunica, sediada em São Paulo (SP) e que oferece o serviço de *ghost writing* há quatro anos, a diretora Lilian Cardoso enfrenta o mesmo problema: quase todos os dias recebe propostas para elaboração de livros técnicos para empresas, cujo preço inicial é estipulado em 10 mil reais. “As pessoas acham que é um serviço simples e querem pagar pouco, mas exige muita pesquisa e demanda tempo, então a gente acaba recusando porque dá trabalho”, lamenta a escritora-fantasma. Victor Rocha, jornalista freelancer e *ghost writer* em Macaé (RJ), acredita que isso se deve pelo fato de os contratantes desconhecerem a atividade.

Um cliente propôs a Victor Rocha conviver com ele por quatro meses recebendo cinco mil reais, e o escritor teria de abrir mão de seus outros trabalhos. Dividindo esse valor pelo período sugerido, seria menos do que Rocha ganha normalmente. Ele achava que não compensaria e não aceitou, apesar de julgar que se tratava de uma história muito interessante: “eu acho

**Custo da produção de um livro pode chegar a R\$ 40 mil, dependendo das exigências dos clientes, que desistem da contratação quando o *ghost writer* passa o orçamento**

que todo *ghost* iria querer escrever sobre esse senhor. Ele começou como ajudante de segurança em uma empresa, depois de alguns anos se tornou presidente e abriu filiais em outros países”. Rocha estipula o preço entre cinco e seis mil reais por mês, mas ainda há uma margem de aproximadamente dois mil reais que se pode colocar em negociação.

Por causa da indignação dos clientes diante dos preços, Axel Guedes, que mantém um *site* por onde oferece serviços de suporte para acadêmicos e escritores em Senador Canedo (GO), desistiu de trabalhar com *ghost writing* em meados de 2011. Sua empresa, Mundo Escrito, existia há um ano quando ele tomou essa decisão – Guedes já trabalhava havia oito anos com revisão textual, transcrição de áudio, digitação e formatação de textos, atividades que ainda realiza. “Não adianta oferecer um serviço barato só por pegá-lo, tem que ter qualidade. *Ghost writing* exige pesquisa, entrevista, conhecer o cliente, escrever do jeito dele, e isso demanda tempo.” Como preferia escrever o livro, ao invés de contratar um escritor-fantasma terceirizado, Guedes deixava as outras funções de lado para focar no *ghost writing*, e por isso calculava um preço mensal de quatro mil reais, o suficiente para viver de maneira confortável. Outro fator que o desanimou foi que a maior parte das pessoas queria o trabalho “para ontem”. “O *ghost writer* precisa de tempo para

realizar pesquisas de conteúdo, para entender o perfil de quem receberá o texto e organizar as ideias para, só então, começar a escrever”, complementa.

Guedes diz não saber se o erro pela desistência diante do preço das obras era seu ou dos clientes, mas a mesma dúvida é citada pelo jornalista Marinaldo Gomes, criador do Blog Jornalismo Freelance, que disponibiliza serviços editoriais em Jaraguá (SP). A maioria das pessoas desiste do projeto assim que lhes passa o valor: um livro com cerca de 120 páginas, com uma fonte entrevistada, custa no mínimo quatro mil reais somente a produção escrita, sem incluir os custos de diagramação, impressão e publicação.

Os *ghost writers* também se deparam com exigências dos clientes que impedem a realização do trabalho ou a tornam mais complicada. Muitas vezes, as pessoas que procuram a Lilian Comunicam têm apenas uma vaga ideia de um personagem ou da história que pretendem publicar, sendo esse um grande desafio para o escritor, que precisa desenvolver todo o enredo. “Há pessoas que chegam com um texto de uma página e querem transformar em livro, temos que construir tudo para ela. Tem muito livro assim no mercado, que a pessoa só assina, nem a ideia foi dela”, desabafa Lilian Cardoso. Para ela, o *ghost* tem de escrever o livro junto com o contratante, e se ele não tem a história ou algo já escrito, é um grande desafio, e o escritor tem o trabalho de fazer fluir a ideia.

Nessas situações, Lilian Cardoso e sua sócia, Barbara Ataíde, calculam quantas entrevistas vão precisar fazer com o cliente e o tempo de pesquisa, antes de fazer o orçamento do livro. Ela conta que um cliente teve a ideia de construir um romance em que o pano de fundo seria o mundo dos autistas, mas não possuía conhecimento sobre o transtorno: a dupla teria de pesquisar tudo sozinha, além de entrevistar médicos, psicólogos e familiares de pessoas afetadas. Elas, então, tiveram de recusar a proposta. Porém, quando se trata de alguém que é da área sobre a qual quer encomendar o livro, elas sabem que muito do conhecimento dele poderá ser colhido através de entrevistas, tornando o trabalho mais fácil.

## “O fantasma se estrepou”

Em 2 de junho de 1996, foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* uma denúncia de que os autores do livro *Toda a História* (Ática: 1995), José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti, haviam cometido plágio. Dois dias antes de ser veiculada a matéria, Arruda havia recebido um telefonema de seu editor João Guizzo, avisando sobre a denúncia. O professor telefonou à redação do jornal para conversar com o repórter e tentar impedir que a matéria fosse publicada, porém, Ulisses Capazoli, que assinava a reportagem, respondeu que o texto já estava fechado. O suposto autor do livro e a editora se manifestaram no mesmo jornal na semana seguinte, apontando como culpado pelo plágio o *ghost writer* contratado, o jornalista Mylton Severiano da Silva.

A primeira edição do livro foi publicada em 1995, e quando já estava com mais de cem mil exemplares vendidos, veio à tona a denúncia. A Editora Ática havia contratado, em 1994, Severiano para organizar *Toda a História*, a partir de livros já publicados pela editora, escritos por professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Dois eram de autoria de José Jobson de A. Arruda, *História Antiga e Medieval* (Ática: 1976) e *História Moderna e Contemporânea* (Ática: 1975), e um de Nelson Piletti, *História do Brasil* (Ática: 1991).

O acordo feito entre o editor e Mylton Severiano era de que o escritor-fantasma deveria entregar 20 laudas por semana durante três meses, compilando não apenas os textos de Jobson e Piletti, mas também outros volumes publicados pela editora: *História Moderna e Contemporânea* e *URSS: Formação e Queda de um império*

### Jornalista foi contratado como *ghost writer* e sofreu acusação por plágio

(de Alceu Pazzinato e Maria Helena Valente Senise), *História do Brasil Contemporâneo* (de Francisco M. P. Teixeira), *O Ensino da geografia e as mudanças recentes no espaço geográfico mundial* (José William Vesentini), apostilas de cursinho, além de mapas e fotocópias de livros nas quais não havia identificação de autores.

Pelo fato de as obras de Jobson e Piletti estarem desatualizadas, Guizzo encarregou o redator do novo livro de usar as outras obras para incluir fatos mais recentes que faltavam nos textos dos outros autores. Severiano acreditava que haveria uma revisão de conteúdo para detectar problemas, já que ele não era especialista em História. A editora, mais tarde, argumentou que a revisão era apenas gramatical, já que os textos-base de *Toda a História* eram de especialistas da área.

Jobson, que já publicava pela mesma editora havia mais de 20 anos, fez uma revisão simplificada do texto, e notou que, em alguns pontos, se distanciava de sua obra, mas imaginou que era produto de pesquisa do redator. “Eu não tinha qualquer possibilidade de saber que o texto era cópia de outro livro publicado pela Ática, simplesmente porque não leio livros

## HISTÓRIA MALCONTADA

## Redator refuta acusação de plágio em livro

Jornalista aciona editora Ática, na justiça, por responsabilidade indevida na acusação de plágio em obra assinada por historiadores José Jobson Arruda e Nelson Piletti, da USP

MYLTON SEVERIANO DA SILVA  
Especial

Sobre as acusações de plágio que sofrí, veiculadas em *O Estado* — edições de 2 e 9 de junho passadas do caderno Especial/Domingo — quero dizer que fui contratado para fazer uma reprodução de obras publicadas pela Editora Ática, de autores da Ática tais como *História Antiga e Medieval* e *História Moderna e Contemporânea*, de autoria de José Jobson de Arruda e Maria Helena Valente Senise;

*História do Brasil* de Nelson Piletti; *História do Brasil Contemporâneo*, de Francisco M. P. Teixeira; *O mundo da Geografia* e *as mudanças recentes no espaço geográfico mundial* de José William Vesentini.

Além destes, foram-me fornecidas apostilas de cursinho e cópias xerocadas de livro sem identificação de autoria, sempre trabalhos de autores da Ática. Na edição de 9 de junho do Estado, foi listado livro de Heródoto Barbeiro que não estava entre os livros fornecidos e que não citei na entrevista concedida ao jornal, engano que peço seja retificado. A tarefa consistia em redigir um livro de 400 páginas ou pouco mais, com os devidos

exercícios para estudantes a cada capítulo, previamente intitulado *Toda a História* — ou seja, a trajetória humana da pré-História aos nossos dias.

Uma vez que fui contratado para realizar uma reprodução autorizada, de livros editados pela Ática, caberia aos autores, todos relacionados com a editora, conferir, fiscalizar e constatar a autenticidade da obra. A eles caberia revisar o conteúdo e dar a obra como boa.

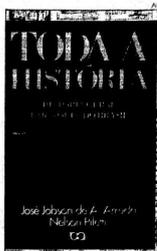
À Ática caberia entender-se com os autores sobre como e quem assinaria a obra; creditar fotos e ilustrações; e decidir sobre a listagem das obras

usadas no trabalho de reprodução, sob forma de "bibliografia" ou "fontes".

Diante da ofensa, que me atinge como pessoa e como profissional com 37 anos de carreira, declaro que: a) a Ática deve publicar com igual destaque declaração de que é a responsável pelos erros que provocaram as acusações de plágio, a qual redundou em grave prejuízo para minha imagem;

b) cabe à Ática indenizar-me pelo prejuízo causado a minha imagem de jornalista; c) entreguei minha defesa jurídica ao doutor Ênio Sandoval Peixoto, que irá tomar as

**AUTORES  
DEVERIAM  
REVISAR A  
OBRA E  
CONSTATAR  
SUA  
QUALIDADE**



Capa do livro com trechos plagiados providências cabíveis.

Editor da obra notou trechos plagiados e fez acordo com os autores dos textos originais

**BELO HORIZONTE**

7:00h 13:00h  
8:00h 14:30h\*\*  
8:30h\* 18:00h  
10:30h\*\* 19:00h

Saldos de Congonhas.  
\* Escala em Campinas.  
\*\* Escalas em Ribeirão Preto.

**TAM**

**VÔOS ESPECIAIS SOLETUR-VARIG 7 NOITES COM HOTEL, AVIÃO E TRASLADOS**

**NEW YORK CANCUN**

**AOS SÁBADOS PELO MODERNÍSSIMO MD-11 VARIG**

**AOS DOMINGOS VOANDO BOEING 747Z VARIG**

didáticos", afirma o professor. Em sua defesa, Severiano afirmou que não foi informado de que os autores dos outros livros não assinariam a obra que estava escrevendo. Já o editor garante que, à exceção das obras de Jobson e Piletti, as outras foram dadas ao redator para utilizá-las apenas como referência bibliográfica, e não como fontes.

Apesar de Jobson não ter notado que os trechos inseridos eram cópia de outras obras, o editor percebeu. Em 29 de agosto de 1995, com *Toda a História* já na 3ª edição, foi firmado um acordo entre a Editora e os autores Alceu Luiz Pazzinato e Maria Helena Valente Senise, com a finalidade de ressarcir-los pela reprodução de parte de sua obra sem autorização, num valor de R\$ 55 mil reais. Nas edições seguintes, os textos plagiados seriam substituídos.

## Reviravolta

O assunto chegou à imprensa através do professor Paulo Miceli, chefe do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que soube do caso por meio de seus colegas Pazzinato e Senise. Além do plágio, o caso envolvia disputas acadêmicas entre Miceli e Jobson de Arruda, que havia acabado de ser aprovado em concurso

na Unicamp. "A denúncia criou uma enorme celeuma, com debates em pleno Conselho Universitário da Unicamp, que constavam nas atas da instituição. Houve levantamento da hipótese de que o ataque era para impedir minha instalação na universidade", relata Jobson. Em artigo do dia 12 de junho de 1996, em *O Estado de S. Paulo*, o colunista Elio Gaspari escreve que "o professor Jobson seria vítima do plágio do redator e da ira de Miceli."

A Editora Ática teve espaço para se explicar e apontou como plagiador Mylton Severiano, que teve artigo publicado em julho para se defender das acusações, também no mesmo jornal. O *ghost writer* moveu um processo contra a editora por danos morais, alegando violação de sua imagem em veículos de circulação nacional — a revista *Veja* também noticiou o fato. Por causa dessa exposição, Severiano teve um contrato rompido com uma editora, sua "honra e fama como bom jornalista haviam sido manchadas", e ele ficou desempregado durante muito tempo após a denúncia.

O acordo entre a editora e Mylton Severiano era apenas verbal, e consta em documentos do Poder Judiciário de São Paulo que "não foi claro o suficiente, deixando margem

a dúvidas e gerando interpretações antagônicas". Não havia como nenhum dos envolvidos provar quais haviam sido as instruções ao *ghost writer* e qual foi a negociação. No entanto, o jornalista perdeu a ação movida contra a editora, pois o juiz concluiu que o escritor-fantasma não havia demonstrado com clareza qual era o dano moral sofrido e que o argumento de seu desemprego não tinha fundamento. O jornalista não trabalhava com carteira assinada havia quatro anos e, após a acusação, realizou trabalhos como o livro *Um século de boa vida* (Globo: 1997), assinado por Jorge Guinle. "Eu perdi a ação e ainda tive que indenizar os editores em R\$30 mil reais. O fantasma se estrepou", lamentou Severiano. Para Elio Gaspari, em sua crítica publicada à época no Estado de S. Paulo, a polêmica não está em torno do plágio, e sim na contratação de um *ghost writer* para redigir o texto. "Para quem confia em livros didáticos, teria sido muito melhor se o professor Jobson fosse o responsável pelo plágio (...). Acrescenta-se o fato de o professor Jobson ter assumido a autoria de um livro que não escreveu." O jornalista Mylton Severiano questiona: "Como uma pessoa que não assina o livro é acusada de plágio e perde?"



## Mercado brasileiro x norte-americano

A prática do *ghost writing* nos Estados Unidos é frequentemente apontada como modelo pelos profissionais brasileiros que elaboram livros sob encomenda. A escritora-fantasma Tania Carvalho afirma que no Brasil o mercado é pequeno, se for comparado ao dos Estados Unidos, onde o volume de obras produzidas é muito maior e a própria atividade é mais comum. Porém, segundo o *ghost writer* estadunidense Derek Lewis, em seu país, esta atividade ainda está na infância, tendo crescido apenas a partir do início dos anos 1990: “na época era possível calcular quantos escritores desse tipo havia, e um editor fez esse levantamento, chegando a um total de 67. Hoje, a mesma pesquisa talvez chegue a mais de mil.”

Lewis acredita que esse crescimento rápido tenha sido influenciado por mudanças na indústria editorial, como o surgimento dos *e-books*, o baixo custo da autopublicação e o aumento no número de trabalhadores *freelancers* (principalmente jornalistas),

além da crise econômica. “Muitos *ghost writers*, que trabalhavam para editoras ou negociavam através de agentes, passaram a fazer acordo diretamente com os clientes”, explica. Por esse motivo é tão comum encontrar escritores-fantasma disponibilizando seus serviços na internet, enquanto no Brasil poucos anunciam seu trabalho dessa forma. O *ghost writer* Victor Rocha é um dos poucos no Brasil que podem ser encontrados por meio de seu *site*. “Muitos clientes chegam através de pesquisa na internet, porque não sabem onde procurar esse serviço”, diz.

Para a *ghost writer* Nanete Neves, a principal diferença entre os dois mercados é que no Brasil o público ainda se choca quando um suposto autor revela que não foi ele quem escreveu o livro. “Aqui é muito difícil um *ghost* assinar junto com seu cliente, mesmo como coautor, por isso fica um pouco nas sombras”, confirma Tania Carvalho, que tem a mesma opinião da outra escritora. Mesmo nos Estados Unidos, como relata

Derek Lewis, em alguns círculos literários os *ghost writers* ainda têm o estigma de ser “o segredinho sujo do escritor” (“*writer’s dirty little secret*”, em tradução livre), “quase o mesmo tabu que o assunto era uma década atrás. Mas, no geral, os *ghost writers* não vivem mais tão escondidos quanto costumavam”. O diretor executivo da *Writers’ Union of Canada* (União de Escritores do Canadá), John Degen, diz que “o nome de um *ghost* na capa pode significar que o livro terá melhor qualidade do que um escrito por uma celebridade sem qualificação literária”.

## Legislação

O presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), Joaquim Maria Botelho, acredita que no Brasil seja difícil tratar do *ghost writing* abertamente por conta da legislação. A profissão de escritor não é regulamentada, apesar de ser reconhecida e constar na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego. A proposta de Projeto de Lei 4641, de 1998, que dispõe sobre o exercício da profissão, está arquivada. Ela

sua obra. O entrave se encontra nos Direitos Morais, que são irrenunciáveis, e se referem à paternidade da obra. “Do ponto de vista legal, uma pessoa pode reivindicar a autoria a qualquer momento, mas do ponto de vista ético não é permitido”, explica Luiz Otávio Pimentel, especialista em Propriedade Intelectual. Ao contrário dos Estados Unidos, onde o *copyright* (pagamento pela utilização da propriedade intelectual) e os *royalties* (taxa para reprodução e exploração econômica) podem ser cedidos, como explica Derek Lewis. “Ambos os direitos são determinados no contrato de um *ghost writer*. Se ele for um escritor-fantasma de fato, cederá 100%, mas alguns nunca trabalham para receber os *royalties*, enquanto outros sempre querem recebê-los.” No Brasil, o pagamento é pela execução do projeto, e a porcentagem de acordo com a venda é colocada em contrato apenas em casos que se esperam grande número de vendas.

Em maio de 2013, aconteceu em Long Beach, na Califórnia, a primeira conferência internacional de escritores-fantasma, a *Ghostwriters Unite*. “Foi ao mesmo tempo

## "O nome de um *ghost writer* na capa significa que o livro terá melhor qualidade do que um escrito por uma celebridade"

é polêmica quanto à definição de escritor, que deve ter livros lançados ou publicar textos e artigos em jornais ou revistas regularmente – o que exclui blogueiros. Dessa forma, “ninguém pode ser contratado como escritor. E se a pessoa não aparece como autor, no caso do escritor-fantasma, como provar que ela é escritora?”, indaga Botelho.

Outra questão complicada no Brasil, na opinião do presidente da UBE, é a Lei de Direitos Autorais (9610, de 1998). A legislação é bastante liberal na cessão dos Direitos Patrimoniais do autor, permitindo que ele faça qualquer tipo de negociação com

um encontro para a América do Norte quanto para a comunidade internacional. Tivemos cerca de 100 participantes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália”, conta Derek Lewis, que faz parte do comitê executivo do evento. A expectativa para este ano é de que o número de *ghost writers* seja o dobro na próxima conferência, prevista para outubro, com sede em Las Vegas. A escritora-fantasma Tania Carvalho acredita que um encontro desse tipo não seja possível no Brasil num futuro tão próximo, pois não existe uma organização entre os *ghost writers* brasileiros.